
Da utopia à entropia: uma análise “quase” possível

Márcio Magera¹ e Joelma T. P. Conceição²

Recebido em: 13/11/2014. Aprovado em: 05/12/2014. Disponibilizado em: 26/12/2014

1. Márcio Magera é P.hD, Pós Doutorado em Administração pela FCU USA. Doutor em Sociologia e Pós Doutorado em Sociologia pela Unicamp e Doutor em Administração pela FCU USA. Tel 11 997624781.

2. Joelma T. P. Conceição é Mestre em Administração e Profa na FACCAMP.

Resumo

Este artigo trata das questões do trabalho, da formação da nova sociedade informacional, usando uma dialética marxista, frente às mudanças provocadas pela globalização e internacionalização dos mercados.

Palavras-chave: trabalho, sociedade, globalização, mercado

Abstract

Abstract: This article deals with issues of labor, the formation of new information society, using a Marxist dialectic, ahead the changes caused by globalization and internationalization of markets.

Keywords: work, society, globalization, market.

1. Introdução

O trabalho, atividade do homem dirigida no sentido da produção de mercadorias, objetos e necessidades, vem sofrendo alterações na sua composição primária de valor de troca e do valor de uso na economia informacional, como fora definido no passado por Marx, e outros pensadores que trataram do tema em seus estudos sobre o capitalismo, principalmente enfocando a criação do valor e lucro.

O trabalho, na sociedade avançada contemporânea, já não se apresenta como o único gerador de mais-valia, é o que reflexiona alguns pensadores: Castells, Harvey, Dantas, Cardoso etc. Citando a economia informacional, como uma geradora de valor, sem possuir valor de troca, apenas de uso, acaba na composição orgânica do capital propiciando valor, que, segundo definições de Dantas, é “excluída da produção imediata, o trabalho vivo transferiu-se em proporções determinantes, tanto quantitativa quanto qualitativa, para o tratamento e comunicação de informação. O capital desenvolveu uma nova esfera de trabalho social geral na qual obtém, processa, registra e comunica, em alguma forma científico-técnica, a informação semântico-sintática necessária ao trabalho produtivo imediato mecanizado e automatizado”. O capitalista, neste contexto, acredita não mais precisar da força de trabalho humano para gerar o excedente do capital, portanto investe toda a sua força nos novos inventos científicos, substitutos de trabalho presente, ou vivo, capitalismo exportador. Uma pesquisa mundial recente (Consultoria Alliance Capital Management, 2003), mostra que entre 1995 e 2002 o emprego na indústria caiu 11%, fruto principalmente da produtividade e das novas tecnologias, que permitem ganhos expressivos de produtividade, que não é repassado para o trabalhador, ocasionando as crises constantes

do capitalismo, que é de excesso de oferta. A classe dominante não mais esconde seu principal objetivo, que é auto-valorização da aplicação do capital. Portanto, o trabalho só é necessário com viabilidade de auto-valorização e acumulação do capital. Neste caso, a “mão invisível” de Adam Smith está mais visível que nunca.

Não se pretende neste artigo, e muito menos se tem a arrogância de definir um sistema que, por si só, já é demais complexo e altamente dinâmico socialmente. Pretende-se, sim, levar a uma reflexão e a uma análise totalizante possível do sistema capitalista na sua dialética, sob a ótica de uma composição de mercado, ou simplesmente relações sociais entre humanos e a sociedade, seu novo papel neste novo mapa do mundo, onde nem tudo é rosa ou químera. E para um melhor entendimento desta complexa relação, faz-se necessário usarmos uma dialética no mínimo marxista, mas objetiva nas considerações.

Mercadorias, mais-valia, composição orgânica do capital, capital constante e variável são aportes fundentes ao entendimentos das novas relações globais e internacionais entre as nações capitalistas, entre o núcleo e o fosso. A mundialização ou, simplesmente, o novo mundo fragmentado e poluído, agora em crise das civilizações, e a própria globalização como nova face ou fase para a exploração capitalista, serão aqui apresentadas para reflexões e um possível entendimento, se é que o novo mundo, da nova sociedade “internetconectada” ou simplesmente network, e que é ao mesmo tempo fragmentada, excluída, empobrecida, fraca, doente, triste, chata, tenha algum entendimento no conceito racional de Kant.

2. Mercadorias

A mercadoria é o fetiche do capital; é através da mercadoria que o sistema possui o seu fio condutor. O que representa a mercadoria como expressão de valor aos seus

demandantes é o que ela pode realizar no palco do status, da necessidade, do entretenimento, do desejo quase incontrolável etc. Para cada um ela possui um valor, valor único, às vezes, que pode levar a guerras, destruição em massa e mortes. Elas (as mercadorias) se transformaram com o passar dos tempos. Hoje, possuidoras de mais tecnologia e menos trabalho presente, são as vedetes universais de todo bom consumidor ideologicamente cooptado pelo sistema que precisa vender cada vez mais e com maior velocidade de giro. Mas, não nos esqueçamos de que quem consome precisa ter renda/salário/trabalho.

O próprio homem tornou-se mercadoria, quando passou a vender sua força de trabalho e não mais o resultado do seu trabalho; virou escravo do relógio/tempo. Perdeu o tempo e o espaço. O homem posto como mercadoria é a única coisa no sistema capaz de produzir mais-valia ou simplesmente lucro para o capitalista. Usaremos a definição de Marx para melhor definirmos mercadoria: “pode-se definir mercadoria como um objeto externo ao homem”, que satisfaz, realiza desejos e vontades humanas, produzida pelo trabalho humano, possui valor de uso e valor de troca. Complementando Marx com uma visão cosmopolita, podemos dizer que nem sempre a mercadoria precisa ser feita pelo homem; às vezes, por ser única ou valiosa (mercado), acaba tendo também valor, como podemos citar as rochas trazidas da Lua, que foram roubadas do museu da Nasa, nos EUA, e compradas depois por colecionadores, por alguns milhões de dólares. A mercadoria não precisa ser necessariamente física; poderá ser também abstrata, ou informacional, ou virtual, na concepção de informação em rede, na definição do sociólogo Manuel Castells, ou na cristalização do trabalho passado, de David Ricardo.

O valor de uso das mercadorias é o conjunto de propriedades tecnológicas e

materiais que, quando colocado em utilidade, atende os desejos humanos; já o valor de troca é a quantidade proporcional de valor pelo qual uma mercadoria pode ser trocada por outras, visto que a substância social comum a todas as mercadorias é o trabalho, e o valor desta mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário à sua produção (MARX, 1990:165). Trabalho social, segundo Marx, é trabalho humano em geral, trabalho humano abstrato, realizado em um período da história, com todas as suas ponderações médias desta mesma sociedade.

Neste contexto, a força de trabalho também é uma mercadoria; aliás, é a única que, quando colocada a serviço do capital, gera a mais-valia. Existe uma diferença dialética entre trabalho e força de trabalho. A força de trabalho ou capacidade de trabalho é o conjunto das faculdades físicas e mentais de um ser humano, colocado em uso no modo de produção, gerando valores de uso e troca de qualquer espécie para o mercado capitalista (SOARES, 1987); já o trabalho é a aplicação dessa força de trabalho no mercado altamente regularizado/dominado pelo sistema capitalista.

Marx, afirmou que o valor dessa força de trabalho estaria ligado diretamente com os produtos de subsistência dessa mesma força de trabalho. Sendo assim, o valor do salário viria para manter e recompor essa força de trabalho na universalização do modo de produção capitalista. Sua definição é mais contundente: “o valor que um operário receberá em média, este valor do seu trabalho, que se resolve no valor da sua força de trabalho, o qual é determinado pelo valor dos meios de subsistência requeridos para o seu sustento e reprodução, o qual valor dos meios de subsistência é finalmente regulado pela quantidade de trabalho necessário para os produzir” (1987). Fato notado ainda nos dias de hoje, quando milhões de trabalhadores não conseguem, com seus

rendimentos comprar produtos para atender suas vontades e necessidades, necessidades que foram criadas pelo próprio sistema capitalista de geração constante de novas mercadorias que atendem a todo e qualquer consumo, sem necessidade aparente. Mas, quando se fala em mínimo de alimentos, mínimo de infra-estrutura para manter essa mão-de-obra ou para melhor qualificá-la, o sistema acaba por criar até mecanismos de proteção (salário-família, salário-mínimo, bolsa-escola, PIS, FGTS, aposentadoria, etc.), que são “esmolas” dadas ao faminto trabalhador e que, por muitas vezes, são poupança tirada deles próprios ao longo da vida de trabalho.

Enfim, o sistema não tende à igualdade e sim à acumulação e desigualdade, e isso está no cerne do processo capitalista da sua própria criação/gestação/formação. Eis o grande paradoxo do sistema capitalista: enquanto ele precisa do elemento humano para consumir o que este mesmo elemento/trabalhador cria, ele não pode dar o valor criado por este mesmo trabalho humano, que leva parte dele apenas, mas o valor que sobra precisa ser consumido, caso contrário não irá se realizar a produção e, portanto, não existirá lucro. E agora? Vamos atrás de novos mercados, novos continentes, novas tribos que possam consumir o que está sobrando. Mas, e a relação de valor de referência? Criam-se uma moeda universal, padrões universalistas, organizações multilaterais que garantam nossa supremacia sobre os povos que vivem ainda hoje no fosso, na periferia da periferia do planeta que era azul, agora é cinza, e logo será vermelho, vermelho pelo sangue dos bilhões de excluídos, que não podem consumir, portanto não possuem cidadania, não são cidadãos, são vermes deste grande fosso chamado Pobreza.

3. Mais-valia

A mais-valia foi trabalhada por vários pensadores e explorada o suficiente por umas dezenas de obras em todo o mundo, então não se pretende mais uma vez explicar como Marx via o lucro do capital, mas neste entorno de práxis, quando a própria força de trabalho dentro de uma economia informacional em rede é tida como a não mais geradora de mais-valia ou valor, cabe uma análise mais aprofundada do que realmente seja a geração de lucro para o sistema capitalista.

Quando o trabalhador é contratado pelo capitalista para vender sua força de trabalho, normalmente ele é remunerado com um salário fixo mensal pré-determinado entre as partes ou imposto pelo mercado via oferta e demanda. Quando este trabalhador põe em prática seus conhecimentos, que podem ser em trabalho físico ou intelectual, em uma fração do tempo diário, ele se paga, ele gera valor equivalente ao seu sustento como produtor e reproduzidor dessa força de trabalho, e o restante do tempo acaba por gerar mercadorias que podem ser físicas ou abstratas, como o serviço que também tem valor de uso e valor de troca. Tais mercadorias, quando entrarem no mercado, serão vendidas pelos seus custos de produção ou valor natural. Sendo assim, conclui-se que o lucro do capital vem justamente da venda das mercadorias pelo seu custo de produção, e o lucro então é extraído do trabalho não pago, ou seja, o mais-trabalho, a mais-valia que, segundo Marx, é o trabalho excedente, aquele que excede o tempo necessário para compor essa mesma força de trabalho, posta em prática no modo de produção capitalista. A própria economia informacional ainda não conseguiu explicar a origem do mais-valor dos seus produtos ou serviços. A própria ruptura via globalização ou invasão disfarçada é a procura da mais-valia gerada por outrem ou pelo sistema transnacional. Daí a crise das civilizações. As nações subdesenvolvidas ainda não estão preparadas no campo

tecnológico para trocar. Hoje, esta troca é desigual e excludente e se impõe, por muitas vezes, via organizações multilaterais, protetoras da “saúde” econômica do planeta. Como exemplo desse absurdo, podemos citar o Império Americano que, mesmo possuindo somente 5% da população do planeta; consomem 30% da produção anual de petróleo e 30% da energia elétrica do planeta. Mas isto tem uma explicação: Políticas Protecionistas – defesa com tarifas e outras barreiras para encarecer, dificultar e impedir a venda de produtos importados em seus mercados internos, e até mesmo nos externos. Sem falarmos das ingerências políticas em outros países, subdesenvolvidos ou em desenvolvimentos.

4. Capital constante e capital variável

A grande incerteza nos dias atuais vem justamente da composição orgânica do capital. Acredita-se que na economia informacional em rede, de acordo com as explicações de Marx sobre os meios de produção aplicados no modo de produção, o trabalho passado ou morto, que se decompõe na medida em que é usado, torna-se, o grande gerador de lucro, em detrimento do trabalho vivo ou força de trabalho que Marx dizia ser a única geradora de mais-valia ou lucro, porque, quando essa mercadoria era posta no modo de produção acabava por gerar um valor superior ao dela mesma. Esta mercadoria gerava uma diferença de valor, visto que era também a grande consumidora dos valores criados. Eis aí o grande paradoxo do sistema capitalista: gera mercadorias que não poderão ser consumidas por todos, visto que se pagou apenas uma parte deste valor.

Quanto se trata das máquinas ou um processo tecnológico substituidor de mão-de-obra humana, Marx já havia previsto que na composição orgânica do capital o capital fixo ou trabalho morto iria, com o passar do tempo, sofrer uma intensificação, e o capital

variável, que é a força de trabalho ou trabalho vivo, iria diminuir, causando crises no sistema por falta de demanda e excesso de oferta, visto que o capital variável, que é o trabalho presente (vivo), é que gera a mais-valia e cria valor de consumo ou demanda, portanto o valor, fruto da cristalização da força de trabalho. Bem, as coisas já não são tão simples assim! Vamos às questões: o fato de hoje termos robôs fazendo carros, máquinas colheitadeiras substituindo (apenas uma) mais de 200 homens no campo, em 1980 a indústria automobilística tinha um empregado para cada quinze carros que produzia, hoje é um para cada 100 carros, os computadores dominando nos escritórios e realizando com mais rapidez e eficiência tarefas comerciais e de serviços sociais, sem contar as inúmeras técnicas administrativas inventadas para cooptar subjetivamente o trabalhador, postas em práticas por gurus da administração moderna, tais como: just in time, terceirização, ABC, kanban, house keep, balanced score card, 5 “S”, downsizing, upsizing, toyotismo, CCQ, lean production, reengenharia, keiretsus, entre outras, acabou dissipando um consumo global, pela produção em massa. Agora já não se sabe ao certo a origem do mais-trabalho: se ele vem da tecnologia (trabalho passado) ou do trabalho presente. Se analisarmos pelo prisma da exclusão social, desemprego, pobreza, não há dúvida de que o sistema continua concentrador e acumulativo, via exploração do mais-trabalho ou trabalho não pago. Criam-se mercadorias (oferta), esquecendo-se de que não haverá consumo (demanda); falta valor para compor o trabalho (mão-de-obra) que consome a oferta. Chega a ser um paradoxo, mas o sistema capitalista é assim, paradoxal. A lei de mercados de Say ficou longe dessa paradoxalidade: “a oferta cria uma demanda na mesma magnitude”; talvez Keynes tenha se aproximado mais: “a demanda efetiva, cria uma oferta de mercado”. Entre um e outro, fico ainda com

Marx: sem salário justo, não há mercado moral.

Esta introdução na dialética marxista nos faz melhor entender as questões que, em tese, estão sendo postas à sociedade: globalização, desterritorialização, mundialização, economia informacional, mundo virtual, dissolução da geografia, novo mundo, um verdadeiro terremoto inesperado e avassalador que vem mudando a face da história no planeta ou, como relatou Ianni: “O mundo está sendo abalado por transformações de amplas proporções, intensas e profundas. Está sendo atravessado por uma ruptura histórica de alcance universal, por implicações práticas e teóricas” (2000:3). O processo de globalização dissimula uma ruptura de várias e amplas proporções nas relações da sociedade; surge uma nova sociedade, novas relações sociais e manifesta-se um novo ciclo de desenvolvimento do sistema capitalista, e são destas mudanças que trataremos em nossas reflexões.

5. Sociedade/Globalização/As questões nacionais

Se analisarmos o vasto cenário geo-histórico, teremos a certeza de que sempre o homem procurou dominar seus pares, ou por guerras ou pela economia de mercado. A história humana no Planeta Terra só se fez com sangue e muito sofrimento; vários impérios e ditadores intolerantes, que tinham nos seus propósitos a dominação, vieram e se foram pelo curso da História. Grandes impérios foram destruídos pela própria arrogância dos seus líderes: otomanos, romanos, ingleses etc. E o que fica da passagem destes monstros são sofrimento e morte. O historiador Per Ahlmark, da Suécia, fez um levantamento dessa sangria e descobriu que somente no século passado foram mortas mais de 170 milhões de pessoas em situações de não-beligerância, ou seja,

mataram-se civis e não soldados, e os que morreram não estavam em guerra. Desse total, o que surpreende nos estudos do historiador é que 99% das mortes ocorreram em regimes totalitários e autoritários. Só a China comunista e a União Soviética foram responsáveis por mais de 65% desse total. Foram Impérios que se mantiveram à custa do sangue e do jugo do seu povo.

Não se quer dizer com isto que a Democracia é a melhor das formas de governo, mas, sem dúvida, é a menos pior diante do entorno da contemporaneidade. O fato é que, de uma forma ou de outra, a dominação ocorre, e agora o que estamos vivenciando é uma dominação pós-imperialista, com vários atributos: armamentício, cultural, econômico e político, enfim, as novas formas de extrair a mais-valia, só que agora utilizando a Rede e todas as justificativas possíveis, tais como: terrorismo internacional, armas de destruição em massa, formação de uma nação de guerrilheiros do mal, como se o maniqueísmo pudesse pôr fim a um processo cultural milenar. Pura arrogância imperialista!

Várias foram as fases das conquistas humanas: mercantilismo, colonialismo, imperialismo, e agora a globalização, neologismo, porém com cara de velho, como fica claro na definição de Ianni “a globalização envolve a gênese e o desenvolvimento de uma vasta totalidade geo-histórica e/ou histórico-social, simultaneamente complexa, contraditória e abrangente. Tende a articular, impregnar ou, mais propriamente, determinar, às vezes decisivamente, indivíduos e coletividade, grupos e classes sociais, governos e regimes, territórios e fronteiras, modos de vida e trabalho” (2000). Neste contexto, surge uma nova definição do que é Estado-Nação ou simplesmente Estado soberano, que tende a ser desafiado e a ajustar-se às propostas das grandes corporações financeiras internacionais, fato que se mostra presente hoje, quando somente as trinta maiores

empresas detêm juntas um faturamento superior ao PIB de 150 países, ou quando uma única nação (EUA), é sede de 59 das 100 maiores empresas do mundo e detém sozinha 1/3 do PIB do planeta.

A despeito deste panorama do capital financeiro e sua perversidade no domínio da coisa que antes era pública e agora não é mais. As coisas públicas tornaram-se privadas por imposição imperialista, e as conseqüências se dão justamente pelas suas características: enquanto o capital produtivo é menos móvel (não há uma transferência de parque produtivo, as máquinas ou layout das grandes multinacionais parecem ser meio definidos, o que se leva aos países emergentes normalmente são somente tecnologia poluidora e grande consumidora de recursos naturais, tais como: indústria química, aço, papel e papelão, autopeças etc., que não compõem trabalho qualificado), o fator trabalho é quase imóvel, porque a migração não é livre, pelo contrário, é proibida; os pobres mexicanos que o digam e todos aqueles que tentam entrar ilegalmente nos EUA ou em outras nações desenvolvidas atrás de salários maiores e cidadania, e são expulso/extraditados e humilhados. Mas, o capital financeiro, este é totalmente volátil e móvel, podendo ir e vir sem nenhuma dificuldade ou qualquer burocracia; até dão incentivos. Muitos não pagam nem impostos, acreditem! No Brasil, qualquer aplicação nas Bolsas fica isenta de IOF e CPMF. Que maravilha! Daí a perversidade, a desumana face da globalização ou, como define Alain Touraine, “a ideologia da globalização é, de modo geral, gravemente negativa. Suas conseqüências são sentidas na concentração de recursos, aumento das desigualdades e aumento da exclusão social” (1998:132).

Estas conseqüências negativas citadas por Touraine, são, sem dúvida, sentidas nos países emergentes, tais como o Brasil, México, Argentina, Chile etc., que ainda têm mais de 50% dos seus habitantes em estado

de pobreza quase que absoluta, enquanto nos países africanos, e alguns da América Latina, considerados ou rotulados como subdesenvolvidos, estes números chegam a 90%. Mas não pensemos que os países desenvolvidos também não têm seu lado negro, sujo. Sim, lá a exclusão atinge cerca de 15% da população, mostrando que mesmo no império, a pobreza persiste, fruto da própria razão do sistema capitalista concentrador e exploratório, e este número de exclusão deles não aumenta, visto que eles estão tirando a diferença da mais-valia dos países emergentes e dos subdesenvolvidos; tiram dos pobres para levar para os americanos/ingleses/alemães/italianos/japoneses etc. Que triste sina para um país como o Brasil, que foi por 322 anos explorado pelos portugueses, depois por 100 anos explorado comercialmente pelos ingleses, e agora é colônia dos americanos. Quem será o próximo dono do Brasil?

Alguns sociólogos dizem que estamos vivendo uma crise de civilização; outros, que não existe civilização. Todos procuram uma melhor maneira para explicar a fragmentação que vem ocorrendo com as relações sociais, políticas, culturais e humanas. Não existe mais um projeto nacional; o que está em curso é uma reforma “forçada” do Estado, que vem atender as vontades ou imposições do mercado financeiro internacional, as grandes corporações financeiras que detêm, hoje, mais de 60% da riqueza do planeta (Banco Mundial, 2000). Com isto os governos têm levado as economias nacionais a transformar-se em uma “província do capitalismo global”, ou como havia profetizado Nietzsche: “o liberalismo burguês, com suas aspirações universais à igualdade, no plano político, leva, primeiramente, à tentativa de universalização das instituições democráticas e, a partir delas, ao nivelamento e igualização da humanidade, transformada em ‘rebanho uniforme’” (2002:11). Esta universalização democrática

foi cenário durante todo o século XX; já o “rebanho uniforme” intensifica-se dia após dia, desde que o mundo é capitalista. Contra este “rebanho uniforme” temos agora as Redes. Será que a Rede pode ser usada como grito pela liberdade ou é uma nova forma de controle, mesmo com implicações de ruptura com a ordem vigente?

As Redes que vêm se formando em todos os continentes são novas maneiras de socialização humanitária ou cosmopolita. Podem ser elas as responsáveis pela fragmentação social ou crise das civilizações? Não se sabe, mas que existe, hoje, uma opinião pública que tem a capacidade crescente de se fazer presente e até mesmo articular-se mundialmente nas decisões internacionais, disto não há dúvida! Porém, se ela será ouvida, aí é outra história. A facilidade da comunicação, o livre acesso à informação, a socialização do saber, mesmo que precário e excludente, tem levado as tribos a se mobilizarem com maior facilidade e eficácia, só que este mundo tecnológico organizado economicamente não está ligado a nenhuma forma social ou cultural, não tem rosto, não tem identidade, é virtual até nas atitudes, por isto é excludente e, às vezes, primata.

A tecnologia não determina mais a forma de sua utilização, não há um fio condutor, falta um norte, por isto o maniqueísmo é explícito: terceiro mundo ou primeiro, emergente ou subdesenvolvido, moderno ou atrasado, pobre ou rico. Não existe mais nada familiar, e quando se diz familiar é no sentido de uma segurança/estabilidade/continuidade da ordem vigente, ou que o hoje será igual ao amanhã, e que existe, no mínimo, um pouco de ética e moral nas relações universais do trabalho ou até da vida humana e não-humana no planeta Terra. O capital engoliu tudo isso! O sistema está tomando conta das vidas das pessoas. Não pegamos o ônibus para ir ao trabalho; ele é quem nos pega! Experimentemos um dia não subir no ônibus, para ver o que acontece! Entramos em uma

era da não-produção, do não-trabalho e da não-existência, da total dissolução social, da ausência de valor como referência.

A ideologia capitalista é a que prevalece diante deste contexto como a pregação do Neoliberalismo (ausência total do governo na economia), o fim da presença do Estado como interventor ou regulador dos mecanismos macroeconômicos, deixando para o mercado, o grande “mercado”, resolver todas as questões sociais, econômicas e políticas dos países. Que países? As linhas que separam fisicamente as nações estão desaparecendo. Neste mundo fragmentado, onde não há mais ordem alguma, o caráter selvagem do sistema capitalista não pode ficar sem um controle do Estado; as coisas podem piorar ainda mais. A globalização, neste contexto, ativa mais a diversidade e a desigualdade, as fissuras e rupturas e as sociedades local e regional são as que mais sentem este processo centralizador, civilizatório, universalista que, ao mesmo tempo, é fragmentado e federativo ou é nada, nada no sentido de prospectivo.

A mesma política utópica neoliberal, defendida/pregada pelos países desenvolvidos, EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra etc., que têm na sua idolatria o *laissez faire*, propõe também barreiras de proteção aos seus mercados que, por muitas vezes, são insipientes e não competitivos em relação aos dos países emergentes, principalmente nos segmentos de agribusiness. Sendo assim, os territórios são transformados em mercados fornecedores de recursos naturais e mão-de-obra desqualificada ou mal paga, dependendo de quem compra. O Estado-Nação é forçado a se afinar com as imposições imperialistas das grandes corporações financeiras ou não. Conforme a força do emergente a um certo grau de domínio, nos países subdesenvolvidos o que prevalece é a inexistência de qualquer tolerância e a imposição de toda sorte de políticas macroeconômicas, impostas e vigiadas pelas

“guardiãs da saúde econômica mundial”, classificação dada por Ianni, em relação às organizações multilaterais criadas a partir da Segunda Guerra Mundial com objetivo maior de se ter um controle/norma que pudesse trazer e manter a paz no planeta Terra. Esta era a ideologia inicial, mas o que se vê agora com suas atuações é antônimo dos seus objetivos pelos quais foram criadas. Entre estas organizações/instituições multilaterais as de maior relevância são: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BIRD), a Organização Mundial do Comércio (OMC), a Organização das Nações Unidas (ONU), o grande e poderoso Grupo dos sete (G7), que detêm, juntos, mais de 80% do Produto Interno Bruto (PIB) do planeta e são responsáveis por mais de 75% das exportações dos produtos industrializados (Banco Mundial, 2002).

6. Considerações finais

Diante de um cenário tão inquisitivo, as corporações transnacionais e as organizações multilaterais que, uma vez em outra, se transformam, dependendo do interesse em curso, em unilateral, vêm impondo um novo contorno às relações entre países que passam a mero coadjuvantes no entorno das relações internacionais, papéis que acabam levando ao empobrecimento e a exclusão ainda maior das nações emergentes e subdesenvolvidas economicamente. Neste contexto, é chegada a hora de se criar uma civilização intelectual, política para, juntos fazermos um movimento igual ou parecido com o que fora realizado pelos trabalhadores dos séculos XVII e XVIII, no sentido de reconhecer os direitos dos trabalhadores e dos não-trabalhadores, tarefa difícil, até porque estamos agora vivendo em uma sociedade informacional,

diferente daquela em que não havia avião, telefone, fax, internet, robótica, biotecnologia, computador, network, clones humanos etc. Agora, nesta nova sociedade fragmentada, só temos uma única certeza: é que tudo já ficou diferente, enquanto você lia este artigo!

Bibliografia

1. Abreu, Maria Celia e Marcos Tarciso Masetto. O professor Universitário em aula. Editora Mg editores associados, SP, 1997.
 2. Alves. Rubens. Estórias de quem gosta de ensinar. Editora Epeculum, SP, 1995.
 3. Eco, Umberto. Como se faz uma tese. Editora Perspectiva. SP, 1991.
 4. Freire Paulo. Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, RJ. 2001.
 6. Ramos, Maria Beatriz. Aprender e Ensinar Diferentes Olhares e Práticas. RS, Edipurgs, 2011.
 7. Socrates. Vida e pensamentos. Editora Martin Mclaret, SP, 1996.
- <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-eficacia-didatica-ensino-superior.htm>, acesso em 9 de outubro de 2013.
- <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/skinner-428143.shtml>, acesso em 4 de outubro de 2013. Biblioteca do sistema moodle da FVG. 2013.